

# Semiestructural Textual - Teresa O'Keefe

26/02/2019

Cosa + Significado = Sigma

Prova escrita - 50%

Trabalho grande - 30%

Trabalhos individuais - 20%

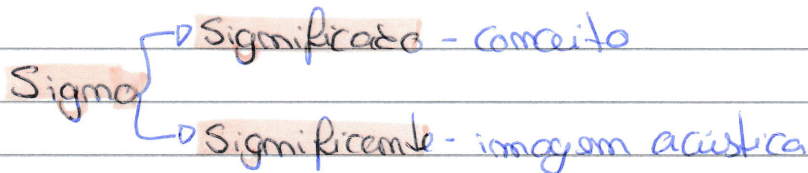
Presenças - 75%

27/02/2019

Leitor - aquele que decodifica a mensagem

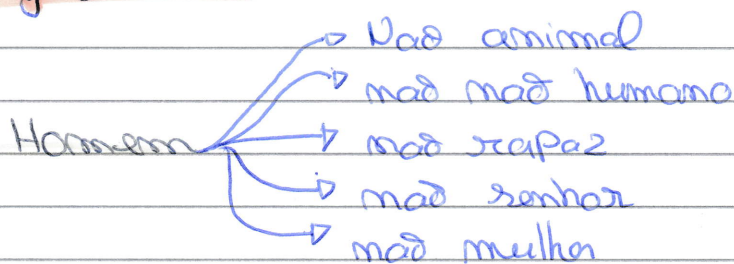
06/03/2019

Imagem acústica - representação do som (na cabeça)



arbitrário - não há relação direta

Sigma e Sistema



12/03/2019

Fatores constitutivos da comunicação

Destinatário    contexto  
                         mensagem  
                         contexto  
                         código    Destinatário

## Funções da Comunicação

Emotiva      Referencial  
                 Poética      Comativa  
                 Fática  
                 Metalinguística

13/03/2019

**Símbolo** → não se assemelha ao objeto mas que é arbitrário ou puramente convencional (ex.: luz vermelha no semáforo)

**Ícone** → signo que se assemelha ao objeto (ex.: um retrato)

**Índice** → signo que está diretamente ligado ao objeto, de forma existencial ou não (ex.: um relógio, uma pegada.)

02/04/2019

## Semiótica textual - estudos

Comunicação → interação social através de mensagens. (Lisako)  
Para que serve? Transmissão de informações / construção de laços sociais.  
Como se processa? Através de **signos** e **códigos**

**Signos** → artefactos (atos) que se referem a alguma coisa que não eles próprios

EX.: "as olhos não veem coisas, mas dizem, figuras de coisas que significam outras coisas: a toalha indica a casa do anfitrião, a garrafa a taquilha, a alabarda o corpo da guarda, a balança romana a evanescência"

**Códigos**: sistemas nos quais os signos se organizam e que determinam a forma como os signos se podem relacionar uns com os outros.

- Os signos e códigos são transmitidos ou tomados acessíveis a outros;
- Transmitir ou receber signos / códigos / comunicações é a prática das relações sociais;
- A comunicação é central para a vida da massa cultural; sem ela, toda e qualquer cultura morre;
- O estudo da comunicação implica o estudo da cultura na qual ela se integra.

**Semiótica** (ou **Semiologia**): ciência dos signos / significados  
**Semiologia**: nasce de um projeto de Ferdinand de Saussure

Roland Barthes → "Todos os sistemas semiológicos são infiltrados pela imagem". A semiologia seria então um ramo da linguística, e não o inverso. A semiologia é a ciência das grandes unidades significantes do discurso.

**Semiótica**: nasce de um projeto de Charles Sanders Peirce.  
Recusa privilegiar a linguagem: pretende ser uma teoria geral dos modos de significar.

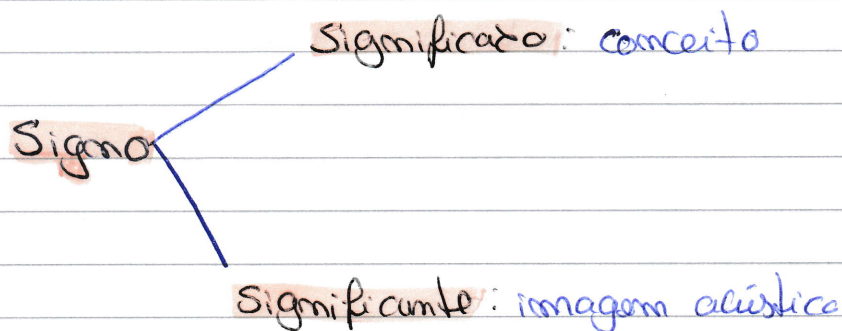
Tres áreas de estudo:

1. O **Signo** propriamente dito: consiste no estudo de diferentes variedades de signos, das diferentes maneiras através das quais estes veiculam significação, e das maneiras pelas quais se relacionam com as pessoas que os utilizam;

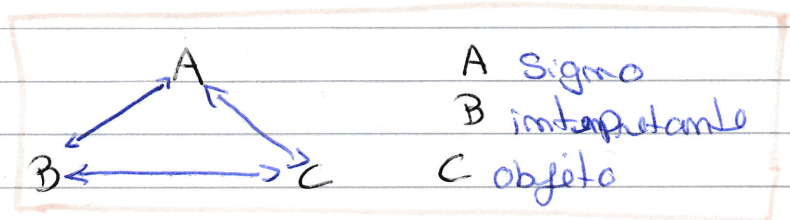
2. Os **códigos** ou sistemas em que os signos se organizam: este estudo cobre as formas desenvolvidas por uma variedade de códigos para satisfazer as necessidades de uma sociedade ou de uma cultura ou para explorar os canais de comunicação disponíveis para a sua transmissão.

3. A **cultura** no interior da qual estes códigos/signos se encontram organizados e que depende do uso destes códigos/signos no que diz respeito à sua própria existência e forma.

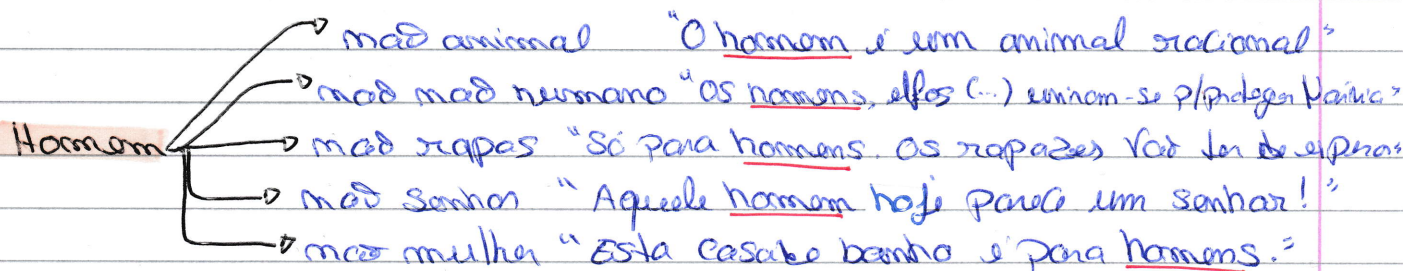
- **Signo** → um objeto físico (significante) com significação;
- **Significação** → relação do significado e do significante com objeto



A relação entre Significante e Significado é simultaneamente **arbitrária** e **necessária**: não existe nenhum vínculo interno entre o conceito representado e a série de sons que o representam. Em contrapartida, em relação à comunidade linguística que o utiliza, o significante não é livre mas sim imposto.



**Signo e Sistema** Relação entre um signo e os outros signos no interior de um sistema



**Símbolos**: Signo que não se assemelha ao objeto mas que é arbitrário ou puramente convencional (ex.: a luz vermelha de um semáforo, uma bandeira, um número, etc.)

**Ícone**: Signo que se assemelha ao objeto (ex.: um retrato, uma radiografia, um diagrama, uma onomatopéia, etc.)

**Índice**: Signo que está diretamente ligado (de forma existencial ou casual) ao objeto (ex.: fumo, termômetro, relógio, relógio, impressor digital, cor)

### Conceitos básicos - códigos

- Os códigos são sistemas em que os signos se organizam;
- Regem-se por regras que são aceitas por todos os membros de uma de uma comunidade que usa esses códigos
- Quase todos os aspectos da nossa vida social que são convencionais ou regidos por regras aceitas pelos membros da sociedade podem ser considerados "codificados"

**Códigos analógicos e digitais** Existem dois tipos de paradigmas que dão os seus nomes a dois tipos de códigos: o analógico e o digital

**Código digital**: aquele cujas unidades, sejam significantes ou significados, estão claramente separadas.

Ex.: Relógio digital ou velocímetro digital de um automóvel. Um relógio digital separa um minuto do minuto seguinte, ou 12:34 ou 12:35

→ Os códigos digitais são simples de compreender, porque as suas unidades se distinguem claramente;

→ Os códigos arbitrários são digitais, e isso torna-os fáceis de escrever ou amotar (ex.: uma palavra escrita, um mi, uma bandeira na praia)

**Código analógico** → aquele que funciona numa escala contínua.

EX.: a dança e a música são potencialmente códigos analógicos.

→ A dança funciona através de gestos, posições, distâncias - sendo código analógico e cifras de notas (há projetos em curso para criar um sistema de notação para a dança);

→ A música é um código analógico, embora o mesmo sistema de notação lhe tenha conferido características distintas (as notas e escalas) e lhe tenha imposto as características de um código digital;

→ A natureza é composta por códigos analógicos: ao tentar compreendê-la ou categorizá-la o ser humano impõe-lhe diferenças digitais.

**Códigos elaborados e códigos restritos** - Definem-se pela natureza do próprio código e pelo tipo de relação social que ele satisfaz

1. Uma comunidade fechada, espantada, tradicional, tende a usar códigos restritos; ex.: classe trabalhadora, missas aos oficiais, profissão de advogado, etc...

2. Uma comunidade mais aberta, com relações sociais mais fluidas, mutáveis e impessoais tende a produzir códigos elaborados, ex.: classe média moderna

<b>Código restrito</b>	<b>Código elaborado</b>
1. Mais <u>simples</u> : vocabulário reduzido, sintaxe mais simples;	Mais <u>complexo</u> , mais rico, sintaxe mais complexa;
2. Tende a ser <u>oral</u> : aproxima-se das práticas individuais, apresentativos, da CNV;	Pode ser <u>escrito</u> ou falado: melhor para mensagens simbólicas, representativas;
3. Tende a ser <u>referencial</u> : mensagens previsíveis, desempenha <u>funções práticas</u> ;	Mais <u>entropico</u> : mais difícil de prever, tem capacidade para exercer a <u>função referencial</u> ;
4. Orientado no sentido das <u>relações sociais</u> : indicial ao estatuto do orador no seio do grupo; reforça as relações sociais e pertença ao grupo	Facilita a <u>expressão</u> da individualidade, das diferenças entre o orador e os ouvintes; a comunicação depende de um código de linguagem cubitório partilhado.

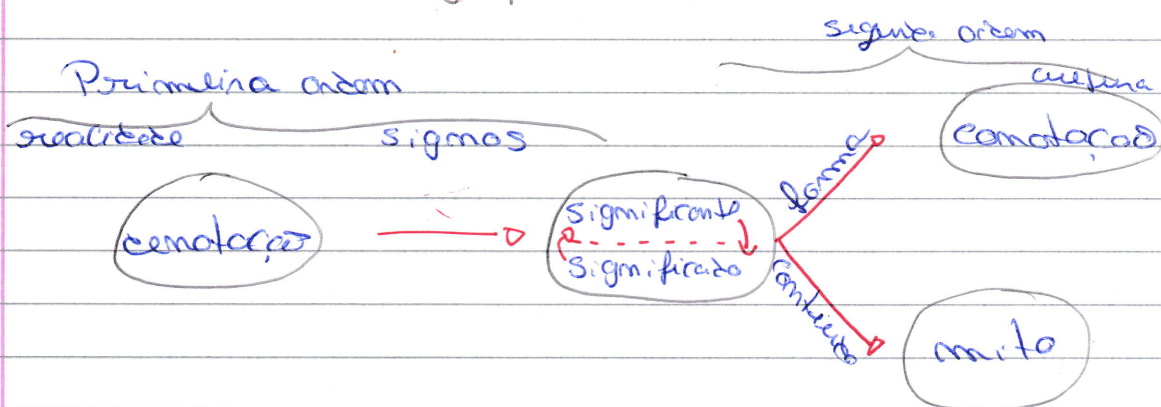
Código resíduo (cont.)	Código elaborado (cont.)
5. Interação com códigos nas <u>taboas</u> ;	Minimiza a CVV: a <u>linguagem</u> escrita é quase <u>inicialmente elaborada</u> ;
6. Expõe o <u>concreto</u> , o aqui e agora;	Expõe <u>abstrações</u> , generalidades, o <u>acostumado</u> ;
7. Depende da <u>experiência</u> cultural.	Depende da <u>educação</u> e do <u>treino</u> , precisa de ser <u>aprendido</u>

## Significação

### Conteúdos

- As duas ordens de significação de Barthes
- Denotação
- Conotação
- Mito
- Metáfora
- Metonímia
- Intertextualidade

### Dois ordens da significação (Barthes)



### Denotação

- Relação entre o significante e o significado no interior do signo e entre o signo com o seu referente na realidade exterior
- Significação óbvia, de senso comum, do signo
- Na fotografia: aquilo que é fotografado

## Comotacão

- Interação que ocorre quando o signo se encontra com os sentimentos e emoções das pessoas e com os valores da sua cultura;
- Significação subjetiva / intersubjetiva
- Na fotografia: como algo é fotografado

## Mito

- História pela qual uma cultura explica ou compreende um dado aspeto da realidade ou da natureza;
- A maneira de cada cultura pensar sobre algo, uma forma de o conceptualizar e de o compreender;
- Uma cadeia de conceitos relacionados;
- Num cultura não há mitos universais: há mitos dominantes, mas também há contra-mitos
  - A ciência é um bom exemplo de um campo onde os contra-mitos desafiam fortemente os mitos dominantes:
  - Mitos dominantes:
    - A ciência resulta da capacidade humana para adaptar a natureza às nossas necessidades, para melhorar a nossa segurança e padrão de vida e para premiar as nossas conquistas;
    - A ciência é objetiva, verdadeira e boa;
    - A forma como a ciência é retratada nos noticiários e nos documentários.
  - Contra-mitos:
    - A ciência é má, leva ao nosso afastamento e falta de compreensão da natureza;



# Semiótica Textual

## 2. Comunicação, significação e signos

### A. Semiótica:

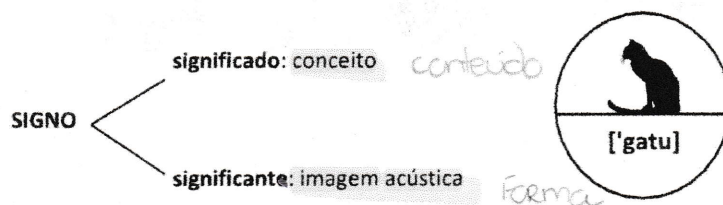
- Comunicação como geradora de significação:
  - “Quando comunico consigo você compreende, com maior ou menos exatidão, o que a minha mensagem significa. Para que a comunicação ocorra, tenho de criar uma mensagem a partir de signos. Esta mensagem incentiva-o a criar um significado para si mesmo e que de algum modo se relaciona com o significado que eu, à partida, gerei na minha mensagem. Quanto mais partilharmos dos mesmos códigos, quanto mais usarmos os mesmos sistemas de signos, mais os nossos dois “significados” das mensagens se aproximarão um do outro.” (Fiske, 1993: 61)
- Estudo dos signos e da forma como eles funcionam;
- Três áreas de estudo principais:
  1. O **signo** propriamente dito: consiste no estudo de diferentes variedades de signos, das diferentes maneiras através das quais estes veiculam significação, e das maneiras pelas quais se relacionam com as pessoas que os utilizam;
  2. Os **códigos** ou sistemas em que os signos se organizam: este estudo cobre as formas desenvolvidas por uma variedade de códigos para satisfazer as necessidades de uma sociedade ou de uma cultura, ou para explorar os canais de comunicação disponíveis para a sua transmissão;
  3. A **cultura** no interior da qual estes códigos e signos se encontram organizados e que, por sua vez, depende do uso destes códigos e signos no que diz respeito à sua própria existência e forma. (Fiske, 1993: 62)
- Centra a sua atenção, essencialmente, no texto:
  - “A semiótica prefere o termo “leitor” (mesmo de uma fotografia ou de uma pintura) ao de “recetor”, já que o termo “leitor” implica um maior grau de atividade, apontando também para a ideia de que a leitura é algo que aprendemos a fazer: ela é determinada pela experiência cultural do leitor. O leitor ajuda a criar o significado do texto, trazendo até ele a sua experiência, atitudes e emoções.” (Fiske, 1993: 62-63)

### B. Signo:

- 3 elementos que têm de estar envolvidos no estudo da significação:
  1. o signo;
  2. aquilo a que ele se refere;
  3. os utentes do signo.
- “O signo é algo físico, perceptível pelos nossos sentidos; refere-se a algo diferente de si mesmo e depende do reconhecimento, por parte de quem o usa, de que é um signo.” (Fiske, 1993: 63)

### O signo linguístico de Ferdinand de SAUSSURE (1857-1913):

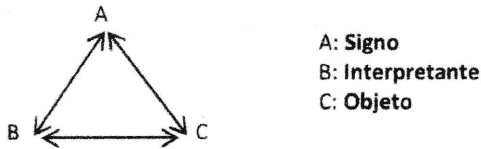
- **Signo:** um objeto físico (significante) com significado.
- **Significação:** relação do significado e do significante com o objeto.



- A relação entre significante e significado é simultaneamente **arbitrária** e **necessária**: não existe nenhum vínculo interno entre o conceito representado e a série de sons que o representa. Em contrapartida, em relação à comunidade linguística que o utiliza, o significante não é livre mas sim imposto (adapt. Baylon & Fabre, 1979: 14).

**Charles Sanders PEIRCE (1839-1914):**

- “Um signo é algo que representa algo para alguém a determinado respeito ou capacidade. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou, talvez, mais desenvolvido. O signo que ele cria designa-o por *interpretante* do primeiro signo. O signo representa algo: o seu *objeto*.” (Peirce, in: Fiske, 1993:64)
- “Um **Signo**, ou *Representamen*, é um Primeiro, que mantém com um Segundo, chamado o seu **Objeto**, uma verdadeira relação triádica tal que é capaz de determinar um Terceiro, chamado o seu **Interpretante**, para que este assuma a mesma relação triádica relativamente ao dito Objeto que a relação entre o Signo e o Objeto.” (Peirce, apud Ducrot & Todorov, 1982: 111-112)



- “O interpretante não é o utente, mas sim aquilo a que Peirce chama, a dada altura, “o próprio efeito significativo”: um conceito mental produzido tanto pelo signo como pela experiência que o utente tem do objeto.” (Fiske, 1993: 65)

**C. Signo e sistema:**

- Relação entre um signo e os outros signos no interior de um sistema:
  - Saussure: um signo é aquilo que os outros não são (**valor** do signo); exemplos:

homem	}	não animal:	<i>O homem é um animal racional.</i>
		não não humano:	<i>Os homens, os elfos e os faunos uniram-se para defender Nárnia.</i>
		não rapaz:	<i>Só para homens. Os rapazes ainda vão ter de esperar.</i>
		não senhor:	<i>Aquele homem hoje parece um senhor!</i>
		não mulher:	<i>Esta casa de banho é para homens.</i>

“Quando Chanel escolheu a atriz francesa Catherine Deneuve para dar ao seu perfume uma imagem de um determinado tipo de *chic* francês sofisticado e tradicional, ela tornou-se um signo num sistema. E a significação de Catherine Deneuve, enquanto signo, foi determinada por outras atrizes-signos bonitas que ela não era. Ela não era Susan Hampshire (demasiado inglesa), não era Twiggy (demasiado jovem, moderna, *mutável* como a moda), não era Brigitte Bardot (demasiado sexy e pouco sofisticada) e assim por diante.” (Fiske, 1993: 68)



- “Os significados são os conceitos mentais que utilizamos para dividir a realidade e para a categorizar de forma a podermos compreendê-la.”
- “Os significados são feitos pelas pessoas, determinados pela cultura ou subcultura à qual pertencem.”
- “A semiótica considera a comunicação como geração de significação nas mensagens, quer pela parte do codificador, quer pela do decodificador. A significação não é um conceito absoluto, estático, que se encontra bem embrulhado dentro de uma mensagem. A significação é um processo ativo” (Fiske, 1993: 69)

**D. Categorias de signos:**

- Modos de relação entre os signos e os seus objetos (Peirce):

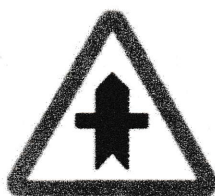
**Símbolo:** um signo que não se assemelha ao objeto mas que é arbitrário ou puramente convencional (ex.: a luz vermelha de um semáforo, uma bandeira, um número, etc.);

**Ícone:** um signo que se assemelha ao objeto (ex.: um retrato, uma radiografia, um diagrama, uma onomatopeia, etc.);

**Índice:** um signo que está diretamente ligado (de forma existencial ou causal) ao objeto (ex.: fumo, um termómetro, um relógio, uma pegada, uma impressão digital, uma dor, etc.). (adapt. de "Signs", in: Chandler, 2013)

"Um ícone é um signo que possuiaria o carácter que o torna significativo mesmo se o seu objeto não existisse (...). Um símbolo é um signo que perderia o carácter que o torna um signo se não houvesse interpretante (...). Um índice é um signo que perderia imediatamente o carácter que faz dele um signo se o seu objeto deixasse de existir, mas não perderia esse carácter mesmo se não houvesse interpretante." (Peirce, 1940: 104, *apud* Lyons, 1980: 89 e 92)

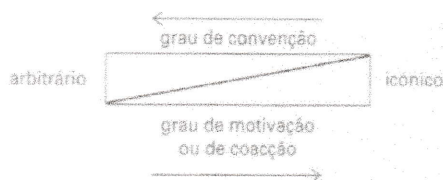
- Estas categorias não estão separadas nem são distintas. Um signo pode compor-se de vários tipos:



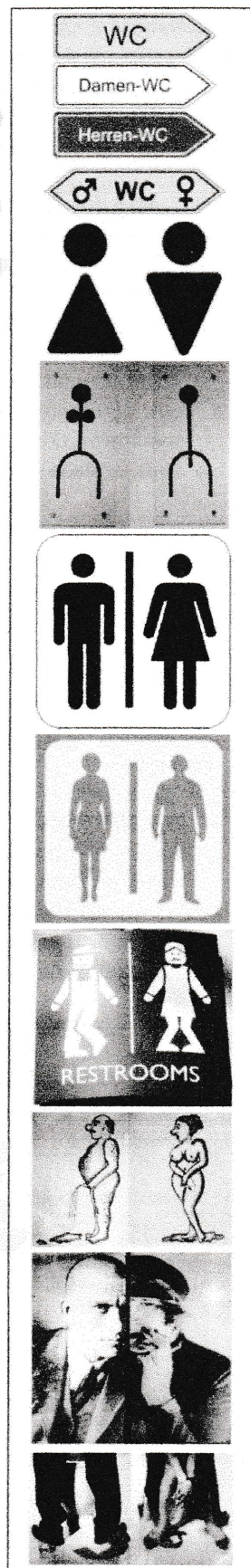
"O triângulo vermelho é um símbolo – por determinação do Código da Estrada, significa "perigo". A cruz ao meio é um misto de ícone e símbolo: é icónica na medida em que a sua forma é, parcialmente, determinada pela forma do seu objeto, mas é simbólica na medida em que precisamos de conhecer as regras para a entendermos como "cruzamento" e não como "igreja" ou "hospital". E, na vida real, o signo é um índice, visto que indica que nos estamos a aproximar de um cruzamento. Quando impresso no Código da Estrada ou neste livro, ele não é indicial, pois não está física ou espacialmente ligado ao seu objeto." (Fiske, 1993: 72)

**E. Motivação e convenção:**

- Saussure: o signo tem uma natureza **arbitrária**; não há nenhuma relação necessária entre significante e significado; essa relação é determinada por **convenção**, regra ou acordo entre os utentes (Fiske, 1993: 77);
- **Escala da motivação:** pode ser mais útil considerar a distinção entre signos arbitrários e icónicos, ou entre símbolos e ícones/índices, como uma escala, e não como categorias separadas. Assim, quanto mais convencional, mais arbitrário (ou simbólico) um signo é; quanto mais motivado ou coagido, mais icónico (Fiske, 1993: 82):



- Um signo pode ser 100 % convencional, mas dificilmente um signo pode ser totalmente icónico (o mais parecido que há com um objeto é o próprio objeto).



- “A convenção é necessária para a compreensão de qualquer signo, por mais icónico ou indicial que ele seja. Precisamos de aprender como entender uma fotografia ou mesmo uma figura de cera em tamanho natural. A convenção é a dimensão social dos signos: é o acordo entre os utentes a respeito dos usos e reações adequados a um signo. Os signos sem dimensão convencional são puramente privados e, como tal, não comunicam.” (Fiske, 1993: 79)

#### F. A organização dos signos:

- Saussure definiu duas maneiras de os signos se organizarem em códigos: por **paradigmas** e **sintagmas**:
  - **Paradigma** (ou eixo paradigmático, ou eixo da seleção): conjunto de signos donde se escolhe aquele que vai ser usado, ou seja, é um conjunto a partir do qual é feita uma escolha, e apenas uma unidade desse conjunto pode ser escolhida:
    - ⇒ Todas as unidades de um paradigma devem ter algo em comum: devem partilhar características que determinam a sua pertença a esse paradigma (ex.: letras, algarismos, luzes coloridas dos semáforos, peças de calçado, imagens nas rodas de uma *slot machine*, etc.);
    - ⇒ Cada unidade deve ser claramente diferenciada de todas as outras.

“Outros exemplos de paradigmas são: a maneira de mudar de cena em televisão – corte, mudança progressiva, mistura, apagamento, etc.; acessórios para a cabeça – chapéu de feltro, boina, boné, barrete, etc.; o estilo das cadeiras com que mobilamos a nossa sala de estar; o tipo de carro que conduzimos; a cor com que pintamos a porta da rua. Todos eles implicam escolhas paradigmáticas, e o significado da unidade que escolhemos é determinado, em larga medida, pelos significados das que não escolhemos.” (Fiske, 1993: 84)

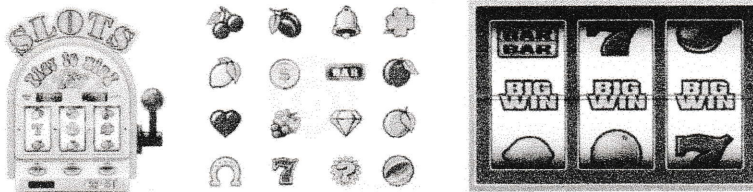
- **Sintagma** (ou eixo sintagmático ou eixo da combinação): mensagem na qual os signos escolhidos se combinam:
  - ⇒ “Uma palavra escrita é um sintagma visual composto por uma sequência de escolhas paradigmáticas a partir das letras do alfabeto. Uma frase é um sintagma de palavras. As nossas roupas são um sintagma de escolhas a partir dos paradigmas de chapéus, gravatas, camisas, casacos, calças, meias, etc.” (Fiske, 1993: 84)
  - ⇒ “O aspeto importante dos sintagmas são as regras ou convenções através das quais é feita a combinação das unidades. Na linguagem, chamamos a isso gramática ou sintaxe; na música chamamos-lhe melodia (...); nas roupas chamamos-lhe bom gosto, ou sentido da moda (...).” (Fiske, 1993: 85)
  - ⇒ “Um laço preto com um casaco preto e um colarinho branco significam um convidado para o jantar, mas o mesmo laço com um casaco branco e uma camisa branca significaria um criado de mesa. Num sintagma o signo escolhido pode, pois, ser afetado pela sua relação com os outros; o seu significado é em parte determinado pela sua relação com os outros no interior do sintagma.” (Fiske, 1993: 85)

- Exemplos de paradigmas e sintagmas:

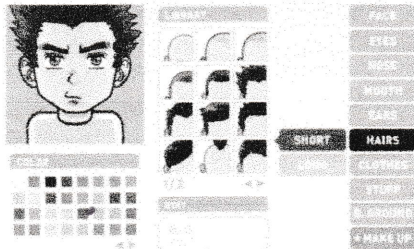
⇒ A construção de uma frase: uma frase é uma combinação de palavras (escolhidas a partir de paradigmas diferentes), segundo as regras do sistema:

Aquele	rapaz	é	feliz	Sintagma
O	miúdo	está	contente	
Este	puto	sente-se	triste	
Qualquer	chavalo	parece	apreensivo	
Nenhum	tipo	vive	ansioso	
...	...	...	...	
<b>Paradigma</b>	<b>Paradigma</b>	<b>Paradigma</b>	<b>Paradigma</b>	

⇒ Uma *slot machine*: cada uma das três rodas (paradigmas) tem um conjunto de marcas (signos) cuja seleção deverá permitir uma determinada combinação (sintagma):



⇒ A construção de um avatar:



• Exercício: “Como falar muito sem dizer nada”

Essa tabela permite fazer mais de 10 mil combinações de frases onde você poderá fazer grandes discursos sem dizer praticamente NADA!

A regra é simples: Forme sua frase usando uma frase da 1ª coluna, em seguida uma da 2ª coluna, uma da 3ª e outra da 4ª coluna sucessivamente. Não tem erro! Faça o teste e faça o discurso que você quiser!

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4
Caros colegas,	a execução deste projeto	nos obriga à análise	das nossas opções de desenvolvimento futuro.
Por outro lado,	a complexidade dos estudos efetuados	cumprir um papel essencial na formulação	das nossas metas financeiras e administrativas.
Não podemos esquecer que	a atual estrutura de organização	auxilia a preparação e a estruturação	das atitudes e das atribuições da diretoria.
Do mesmo modo,	o novo modelo estrutural aqui preconizado	contribui para a correta determinação	das novas proposições.
A prática mostra que	o desenvolvimento de formas distintas de atuação	assume importantes posições na definição	das opções básicas para o sucesso do programa.
Nunca é demais insistir que	a constante divulgação das informações	facilita a definição	do nosso sistema de formação de quadros.
A experiência mostra que	a consolidação das estruturas	prejudica a percepção da importância	das condições apropriadas para os negócios.
É fundamental ressaltar que	a análise dos diversos resultados	oferece uma boa oportunidade de verificação	dos índices pretendidos.
O incentivo ao avanço tecnológico, assim como	o início do programa de formação de atitudes	acarreta um processo de reformulação	das formas de ação.
Assim mesmo,	a expansão de nossa atividade	exige precisão e definição	dos conceitos de participação geral.

**Bibliografia:**

Baylon, Christian & Paul Fabre ([1975] 1979). *Iniciação à Linguística*. Coimbra: Almedina.

Chandler, Daniel ([1994] 2013). *Signs. In: Semiotics for Beginners*.

URL: <http://users.aber.ac.uk/dgc/Documents/S4B/sem02.html>.

Ducrot, Oswald & Tzvetan Todorov ([1972] 1982). *Dicionário das Ciências da Linguagem*. 6.ª ed. Lisboa: D. Quixote.

Fiske, John ([1990] 1993). Comunicação, significação e signos. *In: Introdução ao estudo da comunicação*. Porto: Ed. Asa, pp. 61-86.

Lyons, John ([1977] 1980). *Semântica I*. Lisboa: Presença.

Saussure, Ferdinand de ([1916] 1986). *Curso de Linguística Geral*. 5.ª ed. Lisboa: D. Quixote.

## As cidades e os sinais. 1.

O homem caminha durante dias pelo meio de árvores e pedras. Raramente o olho se detém sobre alguma coisa, e só quando a reconhece pelo sinal de outra coisa: uma pegada na areia indica a passagem do tigre, um pântano anuncia um veio de água, a flor do hibisco o fim do Inverno. Tudo o resto é mudo e intercambiável; árvores e pedras são só o que são.

Finalmente a viagem conduz à cidade de Tamara. Entra-se nela por ruas pejudadas de letreiros que sobressaem das paredes. Os olhos não vêem coisas mas sim figuras de coisas que significam outras coisas: a tenaz indica a casa do arranca-dentes, a garrafa a taverna, a alabarda o corpo da guarda, a balança romana a erva-nária. Estátuas e escudos representam leões golfinhos torres estrelas: sinal de que qualquer coisa - sabe-se lá o quê - tem por símbolo um leão ou golfinho ou torre ou estrela. Outros sinais avisam do que num local é proibido - entrar no beco com as carroças, urinar atrás do quiosque, pescar com cana do alto da ponte - e do que é lícito - dar de beber às zebras, jogar à bola, queimar os cadáveres dos parentes. Da porta dos templos vêem-se as estátuas dos deuses, representados cada um com os seus atributos: a cornucópia, a clepsidra, a medusa, pelo que o fiel pode reconhecê-los e dirigir-lhes as orações certas. Se um edifício não tiver nenhum letreiro ou figura, a sua própria forma e o lugar que ocupa na ordem da cidade bastam para indicar a sua função: o palácio real, a prisão, a fundição da moeda, a escola de aritmética, o bordel. Até as mercadorias que os vendedores põem em exposição nas bancas valem não por si próprias mas como sinais de outras coisas: a fita bordada para a frente quer dizer elegância, a liteira dourada poder, os volumes de Averróis sapiência, a pulseira para o tornozelo volúpia. O olhar percorre as ruas como páginas escritas: a cidade diz tudo o que devemos pensar, faz-nos repetir o seu discurso, e enquanto julgamos visitar Tamara limitamo-nos a registar os nomes com que ela se define a si mesma e todas as suas partes.

Como realmente é a cidade sob este denso invólucro de sinais, o que ela contém ou oculta, o homem sai de Tamara sem tê-lo sabido. Fora dela espria-se a terra vazia até ao horizonte, abre-se o céu por onde correm as nuvens. Na forma que o acaso e o vento dão às nuvens o homem fica logo absorvido a reconhecer figuras: um veleiro, uma mão, um elefante...

Texto de Italo Calvino, *Le città invisibili*, Torino: Einaudi, 1972

(tradução portuguesa de José Colaço Barreiros, *As cidades invisíveis*, Lisboa: Editorial Teorema, 2003, pp. 17-18).



### Semiótica Textual

Prova de Frequência – 2018/19 – 1.º ano – Curso de Jornalismo e Comunicação

Data: 21/mai/2019 – Duração: 02h00m – Docente: Teresa Oliveira

Leia atentamente o texto e todas as questões. Organize cuidadosamente as suas respostas, tendo em conta o rigor da informação, a correção da linguagem e a forma como estrutura as suas ideias. A forma escrita terá um peso de 50 % na cotação de cada pergunta.

1. Desenvolva e exemplifique as seguintes afirmações: (4 valores)

"A convenção é necessária para a compreensão de qualquer signo, por mais icónico ou indicial que ele seja. Precisamos de aprender como entender uma fotografia ou mesmo uma figura de cera em tamanho natural. A convenção é a dimensão social dos signos: é o acordo entre os utentes a respeito dos usos e reações adequados a um signo. Os signos sem dimensão convencional são puramente privados e, como tal, não comunicam" (Fiske, 1993: 79).

deixar confusão de: marca vestido branco

2. Explique, desenvolva e exemplifique as seguintes afirmações: (4 valores)

"Quando um artista produz uma mensagem para um público definido que usa códigos comuns, isto é, quando produz uma mensagem de pequena difusão, pode esperar que o leque de significados negociados pelo público seja muito limitado. A sua descodificação aproximar-se-á muito da codificação. Mas se essa mensagem for lida por um membro de uma cultura diferente, portador de códigos diferentes, a descodificação aberrante produzirá um significado diferente" (Fiske, 1993: 109).

descodificação aberrante como resultado da influência em os destinatários

3. Comente o seguinte excerto: (4 valores)

"O emissor antecipa a compreensão do recetor. Escolhe a forma da mensagem que seja aceitável para o destinatário e, assim, [...] a codificação acaba por ser influenciada pelas condições da descodificação. A própria informação se transforma, devido ao facto de ser permutada." (Jacques, 1982: 172)

com. interp. pessoal

4. «A mudança dos caracteres de uma palavra constitui um bom exemplo de mudança do significante. Por isso, todos os caracteres devem ter conotações» (Fiske, 1993: 134). Explique o conceito de conotação, tendo como base a mudança de caracteres na seguinte palavra: (4 valores)

↳

presente presente presente presente presente

Handwritten annotations: presente (1), presente (2), presente (3), presente (4), presente (5). Above the words are handwritten notes: sonor, visua, conlitas, rel. usua.

Liberal  
conotação  
↳ subj. figurado

5. Comente o seguinte excerto, explicando a importância da intertextualidade no interior do fenómeno comunicativo: (4 valores)

"... falar de uma mensagem que chega, formulada com base num determinado código e descodificada a partir dos códigos dos destinatários, constitui uma simplificação terminológica que pode induzir em erro. Na realidade, a situação é a seguinte:

- a. os destinatários não recebem simples mensagens reconhecíveis mas conjuntos textuais;
- b. os destinatários não confrontam as mensagens com códigos reconhecíveis como tal, mas com conjuntos de práticas textuais, nos quais, ou a partir dos quais, é possível reconhecer sistemas gramaticais de regras a um nível posterior de abstração metalinguística; ↳ não condutas das semelhanças
- c. os destinatários não recebem uma só mensagem; recebem muitas, quer em sentido sincrónico, quer em sentido diacrónico" (Eco & Fabbri, 1978: 570).

experiência interpret.

↳ mesmo tempo

longo vs

Sincrónico -> mesmo tempo  
diacrónico -> longo tempo

